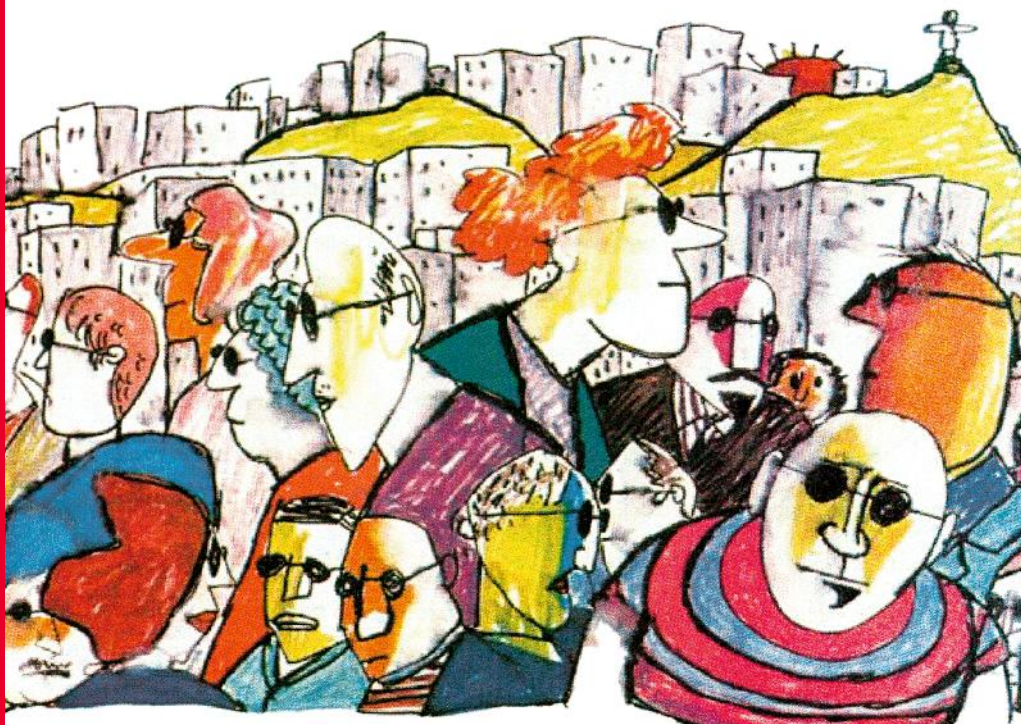


Circo de palavras

histórias, poemas e pensamentos

MILLÔR FERNANDES



Circo de palavras

PARA GOSTAR DE LER 42

Circo de palavras

histórias, poemas e pensamentos

MILLÔR FERNANDES

Ilustrações
Millôr Fernandes

Seleção de textos
Rafael Lima



editora ática

Circo de palavras

© Millôr Fernandes, 2007

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Gabriela Dias
Editor assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Assessoria editorial	Barbara Heller
Redação	Juliana de Souza Topan
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Fernanda Almeida Umile
	Luciene Lima

ARTE

Editora	Cintia Maria da Silva
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Edição eletrônica	Studio 3

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F41c

Fernandes, Millôr, 1924-

Circo de palavras: histórias, poemas e pensamentos / texto e ilustrações de Millôr Fernandes ; [seleção dos textos Rafael Lima]. – São Paulo : Ática, 2007

120p. : il. – (Para Gostar de Ler ; 42)

Apêndice e suplemento de leitura

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-08-11247-0

1. Fernandes, Millôr, 1924 – Coletânea. 2. Literatura infantil-juvenil. I. Lima, Rafael. II. Título. III. Série.

07-2228.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 11247-0 (aluno)

CAE: 213961

CL: 736009

2019

1ª edição

8ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2007

Avenida das Nações Unidas, 7221, Pinheiros – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário



Moderno e irreverente	7
Velhas novas fábulas	
O tamanho do homem.....	13
A ambição superada	15
Juízo final.....	16
O abridor de latas.....	18
A verdade na mata.....	20
O rei dos animais	21
O rato que tinha medo.....	23
A mensagem.....	24
Cientificismo	26
Tudo é convenção!.....	29
O arreglo.....	30
Trapézio de letras	
Poesia cinética I.....	37
Poesia cinética II	38
Joãozinho, o monstro	39
Poesia de litígio conjugal alienígena.....	40
Poesia hirsuta	41
Poesia matemática	42
Ode (ou elegia?) a um quase calvo	45
Poesia exploratória.....	46
Aos que não têm vez.....	47
Poeminha do “tempo perdido”	48
Poeminha sobre o mistério do tempo	49
Maturidade	50
Teatro Corisco.....	51
Retrato.....	52
Snooker.....	54
O Brasil.....	56
Profunda base histórica	58
Tempos e modos	
Poeminha maçante – Por que não ser também um chato?.....	63
Mandrake.....	65
Poeminha incomparável	66

Poeminha de louvor ao “strip-tease” secular	67
Se	69
Hamlet 1954.....	70
Poeminha edipiano diante do punho fechado de uma filha	71
O filho prodígio	72
O destino	74
O banheiro.....	76
Quem não anuncia se esconde.....	79
Falando ao invisível	83
Palavras sobre palavras	
“Avant-garde”	89
O crítico teatral vai ao casamento.....	90
Provérbios modernizados.....	92
Alfabeto concreto	94
A imprensa antes da imprensa	96
Dicionário EtimoLÓGICO	100
A vaguidão específica.....	102
Dicionovário	103
Biografia do constante leitor.....	106
Carta a um jovem leitor	108
Conhecendo o autor	
Multi-Millôr	113
Obras do autor	117
Referências bibliográficas	119

Moderno e irreverente



Um mundo veloz, cheio de novidades. Você certamente se reconhece nele. As imagens e a internet trazem tanta informação... Pode até parecer que Millôr Fernandes está muito distante desse mundo, com seus livros, muitos deles criados numa máquina de escrever.

No entanto, apesar da máquina com que Millôr escreveu seus textos já estar totalmente ultrapassada, eles continuam muito atuais. Ao lermos suas crônicas, em muitas delas reconhecemos os problemas sociais e nacionais do nosso dia a dia, ou algum comportamento humano que presenciamos na nossa família, na nossa escola, enfim, na sociedade como um todo.

Muitas vezes escritos antes do advento da internet, os textos de Millôr também combinam com a velocidade desse meio de comunicação. São textos curtos, ágeis, de linguagem simples. Mas a simplicidade não quer dizer falta de elaboração: são textos inteligentes, irônicos, que exigem raciocínio do leitor e que combinam alguns traços intemporais da arte de escrever com a modernidade. Pois ao mesmo tempo que Millôr é moderno, ele dialoga com textos muito antigos. É um grande piadista, que aborda com humor a realidade e, simultaneamente, trata de coisas muito

sérias. Você deve estar pensando: que autor estranho! Troquemos a palavra “estranho” por “irreverente”, e vamos pensar um pouco melhor nessas aparentes contradições.

Uma vez que Millôr escreve e publica seus textos a partir dos anos 1940, podemos chamá-lo de moderno, já que alguns autores, antes dele (mais ou menos nos anos 1920), se diziam modernos porque queriam transformar a literatura do seu tempo. Eles pensavam que a literatura deveria ser ágil, para acompanhar o novo ritmo das cidades. Também achavam que a literatura não deveria ser apenas feita com poesias difíceis, palavras raras e temas solenes – e sim com textos que fizessem as pessoas se divertirem e, ao mesmo tempo, pensarem o mundo que estava à sua volta.

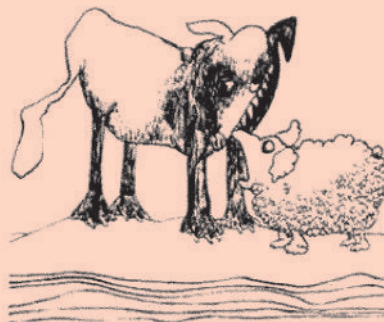
É claro que, se formos pesquisar o modernismo na literatura brasileira, vamos achar muitas e mais complexas informações. Porém, isso basta para entender um pouco mais este livro de Millôr Fernandes. Podemos dizer que, como um autor moderno, ele mistura o texto jornalístico com o texto literário. Do jornalista, temos a linguagem simples, o texto curto, o retrato do dia a dia. Do literato, temos o “brincar” com a palavra, com seus sons, seus diferentes significados; a renovação e, muitas vezes, a paródia de formas antigas e tradicionais de literatura, como a poesia, a fábula, o conto de fadas...

E tudo isso revestido de muita ironia e humor. É dessa forma que Millôr se torna um autor muito sério, porque o riso é a forma que ele escolheu para retratar com mais leveza realidades às vezes muito complexas ou difíceis: a falta de liberdade em tempos de ditadura militar, a falta de ética e a corrupção que assolava (não seria melhor usar o verbo no presente?) nosso país, a teorização excessiva do conhecimento nas escolas, as desencontradas relações humanas e sociais...

Enfim, além do sorriso, sempre temos um pensamento crítico por trás das palavras de Millôr. E, por isso, ler esse autor é um convite à diversão e ao exercício da inteligência.

Boa reflexão e, claro, boas risadas!

Velhas novas fábulas



Fabulista é quem cria fábulas, ou é também aquele que as conta, e reconta, e assim sem querer as recria? Agora você vai acompanhar algumas histórias, umas muito antigas, outras quase novas. Talvez até sinta, ao virar a página, uma brisa vinda da Europa, da Índia... mas também um cheirinho de Brasil. Porque Millôr trouxe para cá estas histórias e recontou de um jeito todo próprio, todo brasileiro. Se quem conta um conto aumenta um ponto, quantos pontos Millôr teria aumentado? Você decidirá, durante a leitura.

O tamanho do homem

Diz-se que o Sátrapa¹ oriental ganhou, de outro potentado, um corte de maravilhosa seda, rara e transparente. Chamou imediatamente o alfaiate da corte e perguntou-lhe o que podia fazer com tal fazenda. O alfaiate examinou bem a fazenda, mediu a fazenda, mediu o tirano e disse-lhe, contrafeito, que o pano não dava pra mais do que um colete. O Sátrapa estranhou, mas não disse nada. Meses depois, viajando por uma província distante, levou consigo a fazenda e consultou célebre alfaiate da região. O homem examinou a peça e disse que com ela poderia fazer uma toga. O tirano pegou então a fazenda e, numa viagem que fez a um país vizinho, consultou outro alfaiate. Este lhe disse que a fazenda dava para uma toga e um colete. Já excitado em sua curiosidade o Sátrapa esperou uma viagem que fez para o ponto mais distante a que jamais viajara, um país do ocidente que até então lhe era completamente hostil e lá consultou também um famoso alfaiate. Este, depois de examinar rapidamente a seda, disse-lhe que com ela poderia fazer uma toga, uma túnica, um colete, vários lenços e um turbante. O tirano então não se conteve e perguntou: “Como se explica, ó mestre, que você com esse pano possa fazer tanto se o alfaiate da minha corte, destro e competente como é, declarou-me que com ele não podia fazer mais do que um colete?”.

“Ah” – respondeu então o alfaiate – “é que, na sua terra, o senhor é um grande homem”.

1 Governador, na antiga Pérsia; indivíduo muito poderoso e tirano. (N. E.)